

Edição Especial | Ano XV | Março de 2016

MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

IGUALDADE DE GÊNERO E REALIDADE



CLOTILDE GERMINIANI

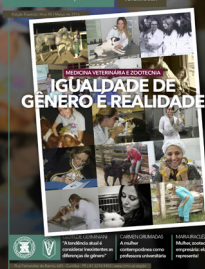
"A tendência atual é considerar inexistentes as diferenças de gênero"

CARMEN GRUMADAS

A mulher contemporânea como professora universitária

MARIA IRACLÉZIA

Mulher, zootecnista e empresária: ela nos representa!



Capa Revista
Edição Especial
Março de 2016

EXPEDIENTE

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente **Eliei de Freitas**
Vice-presidente **Luigi Carrer Filho**
Secretária-geral **Itamara Farias**
Tesoureiro **Felipe Pohl de Souza**

EDITORIAL

Jornalista Responsável
Thainá Laureano Mizerkowski
MTB-PR N° 10402/PR

Arte e diagramação
Diogo Wosch

Publicação do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Paraná
Rua Fernandes de Barros, 685
Alto da Rua XV
CEP: 80045-390 - Curitiba - PR

Fone: 41 3218 9450
www.crmv-pr.org.br
facebook.com/crmvpr

As matérias e artigos assinados
não representam necessariamente
a opinião da Diretoria do CRMV-PR

03 EDITORIAL Palavra do Presidente

05 MÉDICAS VETERINÁRIAS NO MUNDO As primeiras médicas veterinárias do mundo

07 MÉDICAS VETERINÁRIAS NO PARANÁ Vim, vi e venci! Médicas veterinárias conquistam seu espaço

11 2016 Os números atuais no Brasil e no Paraná

13 ZOOTECNIA A atuação da mulher na zootecnia

16 ENTREVISTA "A tendência atual é considerar inexistentes as diferenças de gênero"

22 PROFESSORA UNIVERSITÁRIA A mulher contemporânea como professora universitária - impressões pessoais

25 ENTREVISTA Mulher, zootecnista e empresária: ela nos representa!

27 DEPOIMENTOS A mulher de hoje pode tudo

Palavra do Presidente



Trazemos esta edição especial da Revista CRMV-PR não somente como forma de homenagear as médicas veterinárias e zootecnistas pelo Dia Internacional da Mulher – comemorado em 8 de março, mas sim como um agradecimento por sua dedicação ímpar na execução das suas atividades sempre prezando pelo bem dos animais e da sociedade. Buscamos neste material mostrar as barreiras por elas superadas e comemorar que hoje, em 2016, a igualdade de gênero na medicina veterinária e na zootecnia é realidade.

No Paraná, a medicina veterinária teve em Ingeborg Dorothea sua primeira representante. Apesar do preconceito à época, ela fez história e abriu caminho para as tantas outras que vieram logo em seguida. Entre elas está a professora aposentada da UFPR Clotilde Germiniani, hoje a profissional mais antiga em atividade no Estado. Nesta edição especial contamos com uma entrevista com Germiniani, que divide sua experiência de 57 anos de carreira.

O Conselho Regional de Medicina do Paraná esteve aberto à presença feminina desde seu início, contando com a médica veterinária Marlene de Almeida como componente da sua primeira diretoria, em 1969; ela foi secretária-geral da Autarquia. A primeira conselheira efetiva foi Vitória Maria Montenegro, em 1987.

Hoje as vemos nas mais diversas áreas: diretoria, conselho, comissões, delegacias regionais, etc. Atualmente temos 26 mulheres, entre médicas veterinárias e zootecnistas, que se dedicam às atividades do CRMV-PR de forma voluntária para fortalecer as profissões em nosso Estado – e inúmeras outras que se colocam à disposição dos profissionais e da sociedade sempre que possível, como a professora Vanete Soccol, que em 2015 encabeçou o projeto do Manual de Leishmaniose. No quadro funcional administrativo contamos com 44 funcionários, dos quais 24 (54,5%) são mulheres – sendo duas médicas veterinárias.

Com relação ao número de profissionais em atividade, são mais de quatro mil médicas veterinárias e 200 zootecnistas somente no Paraná. No Brasil são 45,5 mil veterinárias e 2,4 mil zootecnistas, números expressivos. De acordo com o CFMV, as mulheres já são maioria nas salas aula: dos profissionais que se registraram nos Conselhos Regionais nos últimos anos, 60% são mulheres.

Em meus cinco anos como Presidente do CRMV-PR, contei com o auxílio de diversas colegas de profissão. Gostaria, por fim, de agradecer a todas pela dedicação à Autarquia e por representarem nacional e internacionalmente a Medicina Veterinária e a Zootecnia com tamanha competência.

Obrigado e boa leitura!

Médicas veterinárias e zootecnistas que representaram o CRMV-PR nos últimos cinco anos:

- ▶ Diretoria: Itamara Farias – conselheira efetiva (2011-2014) e secretária-geral (2014-2017).
- ▶ Conselho: Leunira Viganó Tesser, Maria Iraclezia de Araújo, Claudia Maria dos Santos Gebara e Evandra Maria Voltarelli (2011 – 2014); Ana Alix Mendes de Almeida Oliveira e Maria Fernanda Fedalto (2014 – 2017).
- ▶ Delegacias regionais: Luciana Regina Riboldi em Cascavel (2011-2014), Marília Mezler de Oliveira em União da Vitória (2014-2017), Leunira Viganó Tesser em Pato Branco (2014-2017) e Jaciani Klank em Campo Mourão (2011-2017).
- ▶ Assessoria técnica: Louise de Lorenzi Tezza (2011 – 2012), Letícia Olbertz (desde 2012) e Luiza Schneider (desde 2013).

Comissões do CRMV-PR (2014-2017):

- Comissão de Educação da Zootecnia – Veronica Oliveira Vianna;
- Comissão do Meio Ambiente – Maria Renata Pereira Leite e Helena Cristina da Silva de Assis;
- Comissão de Saúde Pública Veterinária – Thaila Francini Corona, Rachel Azambuja Langaro, Ivana Lucia Belmonte e Ana Paula da Silva Burak;
- Comissão Estadual de Educação da Medicina Veterinária – Carmen Grumadas;
- Comissão Estadual de Defesa Sanitária e Sanidade Animal – Ellen Elisabeth Laurindo e Marta Cristina Diniz de Oliveira Freitas;
- Comissão CRMV Jovem – Marcela Thaisa Carlindo Fornasari e Gabrielle Carolina Nascimento;
- Comissão de Bem Estar Animal – Andreia de Paula Vieira e Flavia de Mello Wolff;
- Comissão de Segurança Alimentar e Nutricional de Produtos de Origem Animal – Ana Lúcia Menon, Clarice Riekes, Cássima Garcia Laureano dos Santos e Renata Sotomaior Macedo Quichabeira;
- Comissão de Animais Selvagens – Valéria Natascha Teixeira e Eunice Lislaine Chrestenzen de Souza.

As primeiras médicas veterinárias do mundo

Como em qualquer profissão, a mulher demorou a conquistar seu espaço na medicina veterinária. A sociedade, então rígida e arraigada em preconceitos, foi resistente à inclusão do gênero feminino em diversas áreas, entre elas as escolas de ensino superior.

Embora a primeira escola de Medicina Veterinária do mundo tenha surgido em 1761 em Lyon, na França, foram longos 136 anos para que uma mulher ousasse ocupar lugar em uma sala repleta de homens que não a queriam ali. Foi Aleen Cust, uma inglesa, que teve coragem e foi a primeira mulher a se formar médica veterinária no ano de 1897.

Mas este foi apenas o primeiro passo. Mesmo tendo concluído seus estudos com honrarias na área de zootecnia, Cust não obteve liberação do Royal College of Veterinary Surgeons (RCVS) – órgão regularizador da medicina veterinária na Inglaterra – para realizar o exame final e assim validar seu diploma. Ela então buscou uma alternativa e se mudou para a Irlanda, onde – distante dos olhos do RCVS – passou a exercer a profissão.

Somente em 1919 o Parlamento Britânico aprovou o Ato de Desqualificação por Sexo, que permitia o exercício legal de qualquer profissão independente de gênero. Foram ainda três anos – em 1922 – para que Aleen Cust tivesse seu diploma outorgado. Ela estava, então, com 54 anos.

Na França, a primeira mulher a se formar em medicina veterinária foi uma russa, que finalizou seu curso no mesmo ano que Cust. Com o pontapé inicial dado por elas, outras mulheres seguiram o rumo da medicina veterinária pelo mundo. Nos Estados Unidos a primeira médica veterinária foi Mignon Nicholson, formada em 1903 pelo McKillis Veterinary College; em 1910 Elinor McGrath se formou no Chicago Veterinary College e se tornou a segunda médica veterinária estadunidense da história, além de ter se tornado a primeira mulher a compor a American Vete-



Foto: Wikipedia

▲ Aleen Cust, 1868-1937.

rinary Medical Association (AVMA). Em sua homenagem, em 2013 a American Veterinary Foundation criou a bolsa de estudos “Elinor McGrath”, destinada a mulheres que desejam se formar em medicina veterinária.

No Brasil a primeira veterinária foi Nair Eugênia Lobo, formada em 1929 pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Rio de Janeiro. Já no Canadá demorou um pouco mais para que alguma mulher se diplomasse na profissão: somente em 1939 Jean Rumney se tornou a primeira veterinária do país.

Maioria

Embora a mulher tenha demorado para se consolidar na profissão, no decorrer dos anos o cenário mudou e ela passou a ser



Foto: AVMA

▲ Dorothy Segal era uma das 55 médicas veterinárias atuantes nos Estados Unidos em 1944.

maioria nas salas de aula e no mercado de trabalho. É difícil encontrar dados oficiais que possam mostrar esta reviravolta, mas alguns números recentes revelam que a mudança aconteceu, em geral, nos anos 2000.

No ano de 1975, na França, as mulheres representavam apenas 5,6% dos médicos veterinários formados. Já em 1997, embora ainda minoria, a presença feminina passou para 21,4% do total de profissionais.

Em 1999, 60,8 mil profissionais atuantes nos Estados Unidos, 43,5% eram mulheres. Segundo dados da American Veterinary Medical Association (AVMA), em 2007 as médicas veterinárias já eram 48,4% e, em 2009, pela primeira vez se tornaram maioria: 50,9%. No relatório mais recente, de 2014, a AVMA aponta que dos 102,5 mil profissionais atuantes 56% são médicas veterinárias.



▲ Nair Eugênia Lobo, primeira veterinária no Brasil.

Vim, vi e venci!

Médicas veterinárias conquistam seu espaço

**Trechos da matéria "Vim, Vi e Venci!", originalmente publicada na edição Nº6 da Revista CRMV-PR de 2003. Escrita por Carolina Nunes da Motta.*

Em 6 de dezembro de 1952 acontece um fato inédito no Paraná: a turma de formandos de Medicina Veterinária da UFPR inclui uma moça. Para a Dra. Ingeborg Dorothea Weidner Marenzi, a primeira médica veterinária paranaense, um fato emocionante. Para muitos, um escândalo.

nária era uma ideia consideravelmente "estranha" para uma mulher. Mas, influenciado pelo incentivo de um colega que era professor na Faculdade de Medicina, Max Weidner passou a apoiar a decisão da filha, assim como sua esposa, Joanna Naumann Weidne... afinal, Ingeborg gostava de animais desde pequena.

Desbravadoras

Esse foi o primeiro passo de uma longa caminhada de transformação social, pioneirismo, desbravamento e conquista. Lutando pelo direito de exercer uma profissão essencialmente masculina em sua origem – como a maioria das profissões já foi um dia – a mulher desafiou preconceitos, ocupou os bancos universitários, entrou no mercado de trabalho e tornou sua capacidade profissional inquestionável. Hoje, ela já faz parte da Medicina Veterinária.

Desde que a Dra. Ingeborg levou a sério suas preferências pessoais e até os dias de hoje muita coisa aconteceu. Em 1966, a Medicina Veterinária teve sua primeira Professora Catedrática paranaense, a Dra. Clotilde Germiniani.

Em 1969, o Conselho Regional de Medicina Veterinária do Paraná teve pela primeira



▲ Dra. Ingeborg Marenzi, a pioneira.

Mesmo os pais de Ingeborg acharam, a princípio, que formar-se em Medicina Veteri-

vez uma mulher na composição de sua diretoria, a secretária Dra. Marlene de Almeida. Em 1987, sua primeira conselheira efetiva, Dra. Vitória Maria Montenegro. Em 1992, o Exército abria as portas para o contingente feminino.

Foto: Arquivo CFMV-PR



▲ Dra. Marlene Almeida recebe homenagem durante jantar em comemoração aos 40 anos do CFMV-PR (2009).

A virada

Em 2001, a porcentagem de mulheres inscritas no CFMV já era de 49%. De acordo com a Dra. Vanete Soccol, Chefe de Departamento de Patologia Básica – Setor de Ciências Biológicas da UFPR, atualmente, mais de 70% dos alunos matriculados no Curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Paraná, Campus Curitiba, são mulheres. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Microbiologia, Parasitologia e Patologia

da UFPR que inicia este ano, Dra. Vanete Soccol afirma que a mudança foi bastante grande: “Na nossa turma de graduação éramos 6 mulheres para 48 homens. Embora eu tenha feito Medicina Veterinária para auxiliar minha família (meu pai era criador de bovinos) eu acabei ficando na Universidade. Acredito que as veterinárias que foram trabalhar em outras áreas, e também no interior, devem ter encontrado situação muito mais árdua do que nós que ficamos na Universidade.” De fato, obter o espaço que hoje lhes pertence não foi tarefa fácil para as mulheres.

Na nossa turma de graduação éramos 6 mulheres para 48 homens

O Caminho das Pedras

Dispensada das aulas de inseminação artificial devido ao constrangimento do professor, a pioneira Dra. Ingeborg Weidner não escapou das dificuldades mesmo após a graduação. Ao montar sua clínica veterinária de pequenos animais, que mantém até hoje em atividade, ela precisou lançar mão de algumas estratégias para driblar o preconceito: “Sempre achavam que era um homem que deveria cuidar dos bichos. Então, nós fizemos assim: como sempre tivemos muitos cachorros, minha irmã pegava um deles, dava uma volta na quadra e entrava na clínica. Fazia isso várias vezes, para verem que a clínica tinha

movimento, e ajudou bastante.”

Dra. Clotilde de Lourdes Branco Germiniani seguiu os passos do pai, Dr. Manoel Lourenço Branco. Além de veterinário do exército, ele foi o primeiro Professor Catedrático de Fisiologia dos Animais Domésticos da então Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná, depois integrada à UFPR. Formada em 1959, Dra. Clotilde tornou-se a



Foto: Arquivo pessoal

▲ Dra. Clotilde Germiniani, primeira professora de Medicina Veterinária do Paraná.

primeira Professora de Medicina Veterinária do Paraná.

Hoje, ela lembra os costumes que regiam a vida feminina há bem pouco tempo atrás: “Durante séculos as mulheres ficavam dentro de casa e a melhor opção para uma jovem era um bom marido - na falta do bom servia até um mau, o importante era casar. Estudar, ter um emprego, conta bancária, direito ao voto, foram conquistas difíceis e lentas. No começo, as mulheres que estudavam eram professoras ou enfermeiras. As primeiras Mé-

dicas eram Pediatras ou faziam Ginecologia e Obstetrícia. A mulher estava, de certa forma, prolongando sua atividade doméstica. Na Medicina Veterinária, o caminho foi semelhante: as primeiras colegas trabalhavam com clínica de pequenos animais. Foi preciso um tempo para conquistar espaços em outras áreas, como o trabalho com grandes animais, cirurgia, inspeção e tecnologia de produtos de origem animal”.

“Não há vagas” (para mulheres)

Em alguns setores, ser mulher já foi até mesmo sinônimo de não-admissão: “Infelizmente sofri discriminação em alguns testes seletivos onde, após aprovada, me informaram que porque eu era mulher não seria favorável à empresa quando chegasse a hora da licença maternidade”, diz a Dra. Elzira Pierre Flugel – Presidenta do Núcleo dos Médicos Veterinários de União da Vitória e funcionária da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento – Defesa Sanitária Animal. Formada em agosto de 1983 pela UFPR, Dra. Elzira Pierre Flugel começou sua vida profissional trabalhando em fazendas de gado de corte.

Amo minha profissão desde o tempo em que eu não sabia que mulher podia exercê-la e fico feliz em ver que o campo de atuação está se ampliando

Ela também conta que, para obter respeito profissional, teve que fazer muito serviço “de peão” ou de linha de abatedouro para provar sua capacidade diante de funcionários e patrões. “Mas, apesar dos pesares, amo minha profissão desde o tempo em que eu não sabia que mulher podia exercê-la e fico feliz em ver que o campo de atuação está se ampliando principalmente na área de alimentos”, comemora.

Em dia com a novidade

Na Zootecnia, o processo não foi diferente. O preconceito foi, aos poucos, cedendo terreno à competência profissional.

A situação da mulher zootecnista vem melhorando a cada ano, as mulheres têm mostrado muita competência e eficiência, conquistando novos mercados que antes - quando me formei - eram restritos aos homens

A zootecnista Maria Eloá de Souza Rigo-
lin acredita que hoje em dia o espaço existe: “A situação da mulher zootecnista vem melhorando a cada ano, as mulheres têm mostrado muita competência e eficiência, conquistando novos mercados que antes - quando me formei - eram restritos aos homens.”

Nascida na fazenda, Maria Eloá sempre gostou de trabalhar com bovinos e atuar na produção de alimentos. Formou-se em 1984 na 10ª turma de Zootecnia da Universidade Estadual de Maringá.



▲ Maria Eloá ministra palestra sobre sistema silvipastoril aos produtores rurais do município de Cassilândia-MS (2011).

Hoje, Maria Eloá atua principalmente na área de nutrição de ruminantes, manejo alimentar e comportamento animal, e vem trabalhando há 18 anos com produtores de leite e de corte, dando consultoria.

Missão cumprida!

Hoje em dia, médicas veterinárias e zootecnistas que tanto lutaram pelo direito de aprender e trabalhar têm muito a ensinar.

Merecem admiração e respeito por suas conquistas e seu trabalho, que representam uma eterna batalha que é, dia após dia, travada em busca do sucesso e da excelência profissional. Graças a elas, a novidade de 1952 é o fato de 2003.

Os números atuais no Brasil e no Paraná

As médicas veterinárias hoje estão lado a lado com os homens no mercado de trabalho, representando 43% dos mais de 100 mil profissionais atuantes no Brasil. Nas salas de aula, no entanto, já são maioria; de acordo com o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), entre 2014 e 2015 as novas inscrições foram 60% de mulheres.

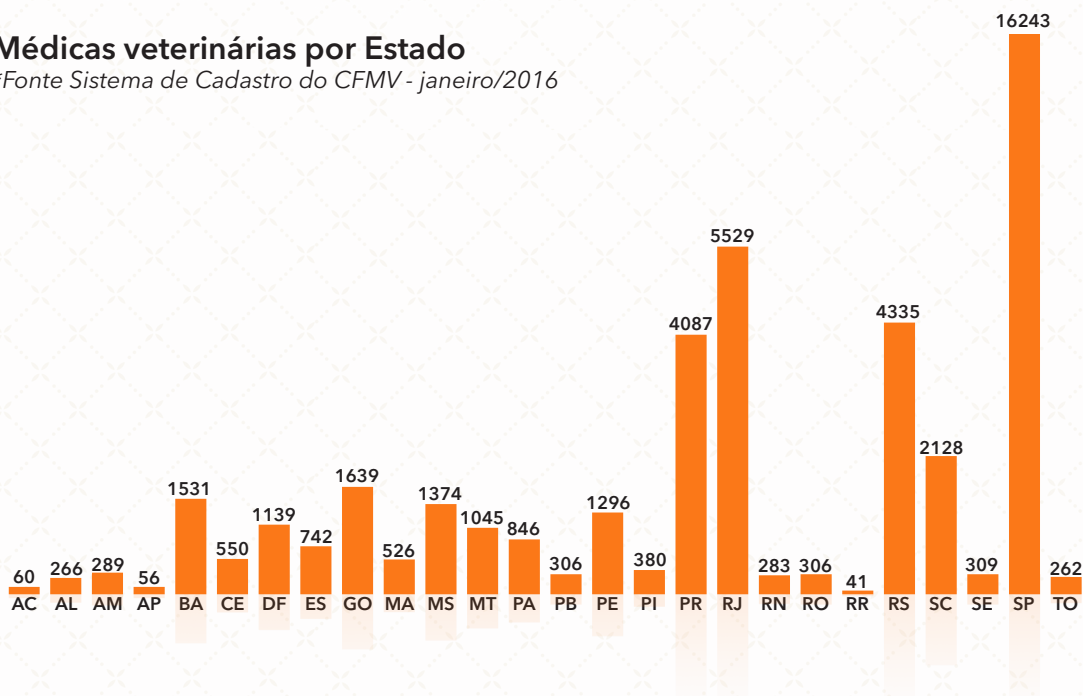
Em números de janeiro de 2016, o banco de dados do CFMV aponta 45.568 médicas

veterinárias atuantes. No Paraná, elas representam 45% dos 9,2 mil profissionais, números que crescem a cada ano.

Embora ainda seja uma profissão nova, prestes a completar 50 anos no país, a zootecnia também aponta o crescimento feminino. Logo no início, em 1970, as mulheres representavam apenas 14% dos profissionais em atividade. Só no Paraná, elas já são quase 32% em 2016.

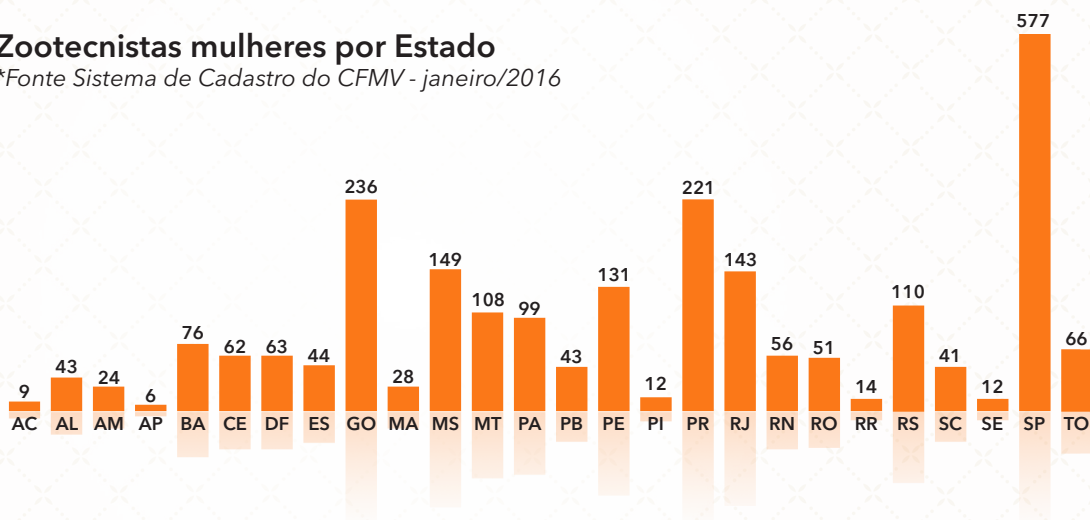
Médicas veterinárias por Estado

*Fonte Sistema de Cadastro do CFMV - janeiro/2016



Zootecnistas mulheres por Estado

*Fonte Sistema de Cadastro do CFMV - janeiro/2016



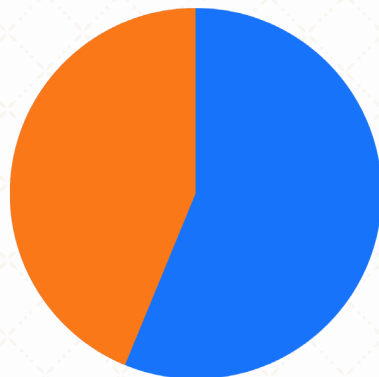
No Paraná

*Fonte Sistema de Cadastro do CFMV - fevereiro/2016

Médicas Veterinárias **45%**

4149

FEMININO
MASCULINO



Zootecnistas mulheres **32%**

216

FEMININO
MASCULINO



A atuação da mulher na zootecnia

Neste mês de comemoração do dia da mulher é importante frisar que a opção pela profissão de zootecnista independe de gênero, está muito mais relacionada à empatia com animais, com a vivência no campo, com experiências vividas durante sua infância e adolescência e no aproveitamento de oportunidades de trabalho. Hoje não escutamos mais que Zootecnia é profissão de homem, pelo menos não como há 20 anos. Neste sentido o Brasil amadureceu.

A competência profissional não está ligada ao gênero, a escolha da profissão e as formas de ingresso nos cursos de Zootecnia independem do gênero e muito menos dos movimentos feministas, talvez a inserção participativa da mulher zootecnista esteja mais aliada ao avanço da ciência, que lhe garantiu tempo e espaço para a vida profissional.

Nos últimos anos, as mulheres têm ocupado grande parte das vagas nos cursos de Zootecnia, alguns dados indicam valores de 45,4% (ENADE, 2004), hoje esses dados podem estar ainda maiores, pois o nível de escolaridade da mulher está aumentando comparativamente ao do homem, e nas ciências agrárias e com o desenvolvimento do agronegócio a participação delas não poderia ficar de lado.

Com relação à empregabilidade das

mulheres zootecnistas, fica difícil apresentar dados, mas se continuarem a ingressar no mercado de trabalho mais mulheres do que homens zootecnistas a porcentagem de aumento de empregabilidade da mulher será apenas consequência.

São inúmeras as oportunidades de trabalho e as áreas de atuação da mulher zootecnista: ela pode atuar na promoção, elabo-



Foto: Diogo Mosch

▲ Ana Alix, zootecnista e conselheira do CRMV-PR.

ração, condução e supervisão de programas de melhoramento de rebanhos, abrangendo conhecimentos de genética, biologia molecular e genômica, utilizando da reprodução e suas biotécnicas para a produção de animais saudáveis, precoces, resistentes e de elevada produtividade, adaptados aos diferentes sistemas de produção; pode fazer a supervisão e assessoramento na inscrição de animais em sociedades de registro genealógico e na emissão de certificado especial de identificação e produção; realização, promoção, elaboração, condução, supervisão e assessoramento de provas e julgamentos zootécnicos; atuação na área de nutrição e alimentação animal, utilizando conhecimentos sobre o funcionamento do organismo animal, suprimindo suas exigências, com equilíbrio fisiológico; formulação, processamento e controle da qualidade das rações, suplementos e dietas para animais; elaboração, orientação, execução e gestão de projetos agropecuários nas áreas de criação animal, produção de recursos forrageiros e ambiental; planejamento, supervisão e execução de pesquisas para gerar orientações e tecnologias voltadas para a criação e produção, preservação e conservação de animais; desenvolvimento de atividades de assistência técnica e extensão rural nas áreas de criação e produção animal, produção de recursos forrageiros e ambiental; planejamento, implantação e execução de rodeios, exposições, torneios, provas equestres, leilões, feiras agropecuárias e parques de expo-

sições; planejamento, pesquisa e supervisão da criação e produção de animais de companhia, de esporte ou lazer, buscando seu bem-estar, equilíbrio nutricional e controle genológico; avaliação, classificação, tipificação, certificação e rastreabilidade de produtos e subprodutos de origem animal, em todos os seus estágios de produção; planejamento e



Foto: Arquivo CRMV-PR

▲ Zootec, tradicional encontro nacional dos zootecnistas (2013).

execução de projetos de construções de interesse zootécnico; planejamento e assessoramento na implantação e no manejo de pastagens e culturas destinadas à alimentação de animais, envolvendo o preparo, adubação e conservação do solo e da água e respectivas práticas culturais; gestão e administração de propriedades rurais, estabelecimentos industriais, comerciais e organizações não governamentais ligados à produção, conservação, preservação, melhoramento e a tecnologias animais; avaliação e realização de peritagem em animais, identificando taras e vícios, com fins administrativos de crédito, seguro e judi-



▲ Ana Alix e a Comissão de Educação da Zootecnia promovem o I Seminário de Ensino de Zootecnia da Região Sul (2015).

ciais, bem como a elaboração de laudos técnicos e científicos no seu campo de atuação; direção de instituições de ensino, pesquisa e extensão na área de criação e produção animal; regência de disciplinas ligadas à criação e produção animal no âmbito de graduação, pós-graduação e em quaisquer níveis de ensino; desenvolvimento de atividades que visem à preservação e conservação do ambiente; realização de estudos de impacto ambiental, por ocasião da implantação de sistemas de produção de animais, adotando tecnologias adequadas ao controle, ao aproveitamento e à reciclagem dos resíduos e dejetos; planejamento, pesquisa, supervisão, criação e produção dos animais silvestres e exóticos tendo em vista seu aproveitamento econômico ou preservação; desenvolvimento de pesquisas e aplicação de tecnologias que melhorem os processos de criação, produção, transportes, manipulação e abate, visando ao bem-estar

animal e ao desenvolvimento de produtos de origem animal, buscando qualidade, segurança alimentar e economia.

Enfim, incontáveis possibilidades. Prestes a completar 50 anos no Brasil, a zootecnia é cada dia mais reconhecida como uma profissão moderna e de extrema importância para o agronegócio do país e, com este reconhecimento, aumentam as vagas no mercado de trabalho e a necessidade de profissionais capacitados. Se a mulher estiver preparada para assumir esse papel importante, o mercado também estará pronto para recebê-la.

Ana Alix Mendes de Almeida Oliveira

Zootecnista CRMV-PR: 1052-ZP

Conselheira do CRMV-PR/ Gestão 2014-2017

Professora de Equideocultura do Curso de Zootecnia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

"A tendência atual é considerar inexistentes as diferenças de gênero"

Prestes a completar 57 anos de graduação em Medicina Veterinária, Clotilde de Lourdes Branco Germiniani é, hoje, a médica veterinária mais antiga em atuação no Paraná. Seu registro no Conselho Regional de Medicina Veterinária do Paraná data de 30 de dezembro de 1969 sob o número 110.

Foto: Arquivo Pessoal



▲ Clotilde Germiniani em inauguração da praça que leva o nome de seu pai, Professor Doutor Manoel Lourenço Branco, no bairro São Braz, em Curitiba (2012).

Nascida na cidade de Itaqui-RS em 1938, Clotilde esteve em contato com a veterinária desde pequena através de seu pai, Manoel Lourenço Branco, médico veterinário do exército brasileiro. O gosto pela profissão foi tanto

que em 1959 se graduou em Medicina Veterinária pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná.

De lá para cá soma contribuições com universidades e sociedades científicas e culturais, participações em congressos, seminários; além de inúmeros artigos publicados, das homenagens e muito mais. Todos os feitos e conquistas devidamente dispostos em um currículo impressionante de mais de 70 páginas.

Uma das mulheres pioneiras da profissão no Paraná, Clotilde viu a transformação que a medicina veterinária teve no decorrer dos anos e se mostrou – como sempre – disposta a compartilhar o que vivenciou. Confira a entrevista:

► **A Medicina Veterinária esteve em sua vida desde cedo representada pelo seu pai, Manoel Branco, um dos grandes nomes da área. Houve incentivo por parte dele para que seguisse o mesmo caminho ou foi uma decisão unicamente sua? Por que o interesse pela profissão?**

O nome completo de meu pai era Manoel Lourenço Branco. Pelo lado paterno a origem da família era no Paraná antes da emancipação, portanto, funcionavam como

paulistas tradicionais (seriam quatrocentões). Meu avô perdeu a mãe cedo, não se entendia com a madrastra e acabou indo para o Rio Grande do Sul. Minha avó era filha de estancieiros em São Borja. Papai foi o filho mais velho de uma família numerosa (seis filhos). Meu pai viveu a primeira infância no campo, tomando banho de rio, andando a cavalo e acompanhando a lide dos peões. Tinha cerca de 7 anos quando a família se mudou para o Rio de Janeiro. No Rio foi aluno do Colégio Pedro II instituição exemplar com professores de primeira linha. Aprendeu francês com uma tia - a tia havia acompanhado uma prima que era pianista e estudou na Europa. Meu pai queria estudar engenharia, mas o pai dele acabou insistindo para que se direcionasse para Medicina. Foi excelente aluno da Faculdade na Praia Vermelha. Ainda não havia concluído o curso quando seu pai faleceu. Como a família ficou com dificuldades econômicas, acabou interrompendo o curso de Medicina. Alguns anos mais tarde, depois de muitas voltas, foi estudar Veterinária na Escola de Veterinária do Exército. Minha mãe era nascida no Rio em família de origem portuguesa - na verdade minha avó era nascida em Portugal, veio para o Rio com 4 anos e tinha nacionalidade brasileira. Minha mãe era a mais velha de cinco irmãos (eles eram duas irmãs e três irmãos). Minha mãe fez curso de Contabilidade e era funcionária concursada da Central do Brasil.

Ao concluir o Curso de Medicina Vete-

rinária meu pai saiu como oficial Médico Veterinário no posto de Tenente e foi destacado para o Rio Grande do Sul. Meus pais se casaram no Rio de Janeiro e, recém-casados, foram de navio para o Rio Grande do Sul. No Rio Grande, meu pai esteve em diferentes localidades. Eu nasci em Itaqui em 15 de ja-



Foto: Arquivo pessoal

▲ Clotilde Germiniani no colo de seu pai, Manoel Lourenço Branco.

neiro de 1938. Saímos do Rio Grande do Sul em 03 de outubro de 1940, portanto, eu ainda não havia completado três anos. De 02 de novembro de 1940 a 22 de fevereiro de 1943, meu pai esteve sediado na Coudelaria de Tindiquera, no município de Araucária. Posso dizer que até os 5 anos praticamente só morei em coudelarias! Isto pode explicar parte do interesse pela Veterinária. De 06 de abril de 1943 a 12 de abril de 1945 meu pai esteve sediado em Natal no Rio Grande do Norte. Em Natal me alfabetizei, orientada por minha

mãe, e fui aluna do excelente Jardim da Infância Modelo. Tenho excelentes recordações deste período inclusive frequentei o Clube Hípico, aprendendo a montar. Finalmente, em 1945, viemos para Curitiba, onde nos fixamos. Aqui fiz o Grupo Escolar, o Ginásio, o Curso Científico e o Curso de Veterinária.

Em Curitiba sempre visitava o Serviço de Veterinária do quartel em que meu pai estava e gostava de acompanhar meu pai para observar os procedimentos realizados com os animais. Houve época em que meu pai montou uma criação de suínos em uma granja do Exército e me lembro que acompanhei desde a construção das pocilgas - de excelente padrão - até a instalação das matrizes e, mais tarde, o nascimento dos filhotes.

Ninguém quer saber de heroísmo, uma profissional tem que ser competente e cumprir seus compromissos

Quando meu pai foi para o Quartel do CPOR - onde hoje é o shopping Curitiba - seguia todas as etapas de manejo e treinamento dos equinos. No CPOR havia o gabinete do Veterinário e uma sala anexa que era uma farmácia inclusive com possibilidade de preparo de produtos manipulados - aprendi a usar uma balança de precisão e ajudei a preparar pomadas, cápsulas e outras formas medicamentosas. O número de equinos era grande

e havia uma ampla área de baias, além de um picadeiro magnífico onde os animais se exercitavam e treinavam. Pouco depois de irmos para Curitiba, meu pai começou a dar aulas de Fisiologia - sempre que possível eu ia dar uma olhadinha nas aulas práticas e ficava encantada com as manipulações e o equipamento - bastante precário na época.

Acho que este resumo explica porque fui estudar Veterinária: fiquei interessada pelo trabalho que via meu pai fazer. Não houve pressão da família, houve um interesse que se desenvolveu naturalmente.

► A Sra. se formou em 1959 pela então Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná. No seu período de graduação havia representatividade feminina em sala de aula - colegas de turma, professoras?

Entreí na Veterinária em 1956 - o Curso era de quatro anos. A Escola já havia formado duas Veterinárias e houve uma (filha de um Veterinário do Ministério da Agricultura) que iniciou o Curso aqui e, por motivo do retorno do pai para Pernambuco, foi concluir seu Curso em Recife. Casou-se com um Veterinário, foi Professora da Universidade em Recife e é membro da Academia Pernambucana de Medicina Veterinária. Comigo entraram mais duas colegas: uma trancou a matrícula e tomou outro rumo e a outra se transferiu, no final do 1º ano, para o Curso de Veterinária da Universidade Rural do Rio de Janeiro, no Km 47 da via Dutra, no Rio de Janeiro. Na

Agronomia já havia mulheres formadas mas, no período em que eu estava estudando, não existiam moças estudando Agronomia. Acho que, quando eu estava iniciando o terceiro ano do curso, entrou uma nova aluna, nossa colega Marlene Almeida, filha de um funcionário da Escola - ela concluiu o Curso e se dedicou à Anatomia tendo sido excelente Professora. Mais tarde, fez o Curso de Medicina e foi Professora de Cirurgia Pediátrica na própria UFPR. A Doutora Marlene participou intensamente das atividades da Sociedade Paranaense de Medicina Veterinária e da criação e instalação do Conselho Regional de Medicina Veterinária.

Estas atividades não dependem de gênero, dependem de competência, de dedicação e de empenho para realizar um trabalho bem feito

Embora Curitiba fosse uma cidade pequena, em alguns aspectos pode ser considerada pioneira. Nossa Universidade foi criada em 1912 e, em 1914, começou a funcionar a primeira turma do Curso de Medicina. Nesta turma havia uma moça chamada Maria Falce, mais tarde, casada com um colega, passou a assinar Maria Falce de Macedo. Inteligente e aplicada a jovem entrou na faculdade aos 17 anos e com 22 anos já estava recebendo o

título de Doutora em Medicina após defesa de tese. Trabalhou arduamente e, em 1929, aos 32 anos, após concurso de provas e títulos, assumiu a cátedra de Química Médica do Curso de Medicina (mais tarde Bioquímica) da Faculdade de Medicina. Dra. Maria Falce foi a 1ª mulher a ocupar uma cátedra em um Curso Superior no Brasil.

Portanto, na década de 50 não era novidade as mulheres frequentarem Cursos Universitários no Paraná. Havia grande número de médicas, dentistas, farmacêuticas e até engenheiras químicas bem como profissionais de outros ramos da engenharia.

No início havia uma certa timidez e as mulheres faziam principalmente Clínica de Pequenos. Aos poucos as colegas foram chegando a outras áreas e mesmo aos cuidados com animais de grande porte. O que houve na Veterinária pode ser comparado ao que aconteceu na Medicina Humana: as primeiras médicas faziam Pediatria ou então Ginecologia e Obstetrícia e, raramente, faziam procedimentos cirúrgicos. Com o passar do tempo, foram assumindo outras áreas.

► Prestes a completar 57 anos de graduação, a Sra. é a médica veterinária mais antiga em atividade no Paraná. Como a Sra. descreve a evolução da participação da mulher na Medicina Veterinária ao longo destes anos?

Em parte já respondi na pergunta anterior: as mulheres veterinárias estão em todas

as áreas e não existem restrições ao seu trabalho. A Medicina Veterinária acompanhou a evolução da sociedade. A mulher, antes dedicada ao lar, em tempo integral, passou a exercer atividades profissionais importantes e aprendeu a equilibrar suas responsabilidades de esposa e mãe com as tarefas e encargos do exercício profissional. É importante que as profissionais aprendam a realizar suas tarefas sem muita teatralidade querendo fazer o papel de heroínas: ninguém quer saber de heroísmo, uma profissional tem que ser competente e cumprir seus compromissos. Fui a 1ª mulher catedrática de um Curso de Medicina Veterinária e fui a mais jovem catedrática da Universidade Federal do Paraná - estava com 28 anos quando fiz o concurso de cátedra. Já era Doutora e Livre Docente. Entre 1968 e 1969 passei um ano e meio na França fazendo Pós- Doutorado.

► **Sendo acadêmica titular fundadora da Academia Paranaense de Medicina Veterinária (ACAPAMEVE) e membro da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, como avalia a importância da mulher em entidades representativas?**

Na realidade, faço parte de numerosas entidades culturais. Vou fazer um resumo de minhas ligações com estas entidades culturais:

- Membro Titular do Centro de Letras do Paraná desde 17 de dezembro de 1991 (Curitiba - Paraná).

- Acadêmica Titular Fundadora da Academia Paranaense de Medicina Veterinária - Desde 26 de abril de 1999 (Curitiba - Paraná).

- Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná - Desde 12 de dezembro de 2000 (Curitiba - Paraná).

- Eleita Sócia Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - Em 16 de março de 2001 (Natal - Rio Grande do Norte).

- Eleita Membro Correspondente da Academia de Ciências, Letras e Artes de Lyon - Em 12 de junho de 2001 (Lyon - França).



▲ Professora Clotilde em discurso durante a cerimônia de posse da Acapameve.

- Acadêmica Titular da Academia Brasileira de Medicina Veterinária - Desde 28 de março de 2003 (Rio de Janeiro - Estado do Rio de Janeiro).

- Sócia Correspondente Nacional do Ins-

tituto Histórico e Geográfico de São Paulo - Desde 25 de janeiro de 2004 (São Paulo - Estado de São Paulo).

- Membro Correspondente da Academia Pernambucana de Medicina - Desde 12 de novembro de 2004 (Recife - Pernambuco).

- Sócia Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - Desde 07 de setembro de 2005 (João Pessoa - Paraíba).

Os critérios para entrada em uma Academia envolvem competência, uma atuação destacada na área a que está ligada a Academia, uma contribuição para a divulgação da importância de conhecimentos da área, atividade de pesquisa incluindo preservação e aprofundamento dos conhecimentos de História da profissão ou do desenvolvimento da área considerada e das entidades com ela relacionadas. Estas atividades não dependem de gênero, dependem de competência, de dedicação e de empenho para realizar um trabalho bem feito.

► **No âmbito acadêmico as mulheres têm conquistado seu espaço, tanto como estudantes quanto como docentes. A Sra. como professora titular aposentada da UFPR observou este avanço dentro das Universidades?**

Esta evolução seguiu em paralelo com a evolução da sociedade: as mulheres foram ocupando cada vez mais espaço e hoje, muitas vezes, o número de mulheres em determinados setores ultrapassa o número de ho-

mens.

A tendência atual é para considerar in-existent as diferenças de gênero. Os destaques seriam pelas diferenças individuais, independentes de gênero.



▲ Professora Clotilde no III Simpósio de Ciências Médicas e Biológicas, 1996. Da esquerda para a direita, Viviane Milczewski, Clotilde L. B. Germiniani, Cristina Sotomaior, Ivan Barros Filho e Anderson Farias.

► **Os profissionais de medicina veterinária em geral têm se direcionado à clínica de pequenos animais, em especial as mulheres. O que falta para que elas possam ganhar espaço em outras áreas, como no campo ou nas indústrias?**

Já comentamos que, das Clínicas de Pequenos, as Veterinárias evoluíram para outras áreas. Para que cheguem ao campo ou às indústrias falta, apenas, alguém que se interesse por estas áreas e inicie suas atividades - se houver sucesso, logo surgirão novas propostas e assim vão se ampliando as áreas de atuação.

A mulher contemporânea como professora universitária - impressões pessoais



▲ Professora Carmen Grumadas e a acadêmica Francieli Flâmia Inácio, na XXX Semana Acadêmica de Medicina Veterinária da UEL, 2013.

É muito gratificante contribuir no ensino de uma profissão! Durante os anos dedicados à educação de Medicina Veterinária observei muitas mudanças no perfil dos estudantes, na sociedade brasileira em relação à importância dos animais e cuidados a eles dispensados e nas questões relacionadas à bioética e ao bem-estar dos animais. Houve amadurecimento da consciência ecológica em grande parte da população mundial e um aumento da intenção de que a Saúde seja um bem co-

mum a todos.

Diante de tantas transformações, o que o que ainda não mudou foi o brilho no olhar do estudante envolvido intensamente no processo ensino-aprendizagem. É nossa maior recompensa! Creio que um dos maiores desafios da mulher professora universitária seja tirar o jovem da imobilidade e colocá-lo em movimento. É muito fácil ser um expectador no curso, mas adquirir habilidades técnicas exige vontade e esforço. Junto com o co-

nhecimento e destreza deve ser adquirida a consciência pelos seus atos bem como suas responsabilidades para com a sociedade. É natural que a inquietude e curiosidade pertencentes à juventude manifestem-se também durante as aulas e outras atividades didáticas. Isso tem um enorme potencial criativo e transformador! Saber explorar essas características do estudante é uma importante meta a ser atingida.

Como alterações curriculares acontecem lentamente e os cursos são limitados por leis, regulamentações, horários, avaliações e etapas que se sucedem, a professora universitária em geral ministra uma parte de um curso fragmentado em disciplinas. A ela cabe perceber que os ingressantes são jovens e já nasceram em um mundo com enorme acesso à informação e facilidade de comunicação imediata. Isso tende a gerar alguns conflitos de gerações. Um grande desafio é utilizar metodologias de ensino reconhecidas e algumas novidades tecnológicas para tornar a disciplina a mais dinâmica e interativa que o projeto pedagógico do curso permitir.

Faz parte do trabalho da docente universitária alertar que o término do curso é apenas o início de uma vida profissional de possibilidades quase infinitas, em um mundo que está em constante transformação. Ela deve ser capaz de contribuir para enviar para o mundo do trabalho indivíduos criativos, que saibam trabalhar em equipe pelo bem comum, por “uma só Saúde”, pelo País e pelo Planeta. Que

respeitem as pessoas, sejam autoconfiantes, entusiasmados, que estudem as ciências agrárias, biológicas, políticas, sociais, humanas e exatas, conforme seus interesses. Que saibam se relacionar bem com profissionais de outras áreas de conhecimento, somando os saberes e talentos, cada um contribuindo com a parte que lhe cabe para que cada profissão se fortaleça, para que cada tarefa assumida seja realizada com alegria, dedicação e de maneira exemplar. Que exercitem o gosto pela pesquisa, extensão e a busca de realização pessoal.



▲ Carmen Grumadas recepciona calouros do Curso de Medicina Veterinária da UEL, 2013.

Espero sinceramente que todos os que são ou um dia foram estudantes do curso que nunca percam a emoção que se sente ao auxiliar o nascimento de um filhote nem a alegria de curar um animal, realizar um diagnóstico no laboratório, de certificar alimentos de origem animal, de orientar pessoas a se relacionarem de modo saudável com seus animais, contribuindo para melhoria da qualida-



▲ Professora Carmen apresenta o *Campus* e descreve as atividades do curso aos calouros de Medicina Veterinária da Universidade Estadual de Londrina, 2013.

de de vida dos mesmos. Espero que sempre reconheçam seu valor por atuarem na saúde pública, na prevenção de doenças, na produção animal e no combate às zoonoses. Que tenham muitas oportunidades de trabalho e que recebam recompensa financeira digna, à altura de sua competência, suficiente para manter a si e à família com conforto. Que mesmo diante das adversidades da vida, sejam resilientes e otimistas. Que se, por alguma razão, decidirem não exercer a profissão, ainda assim sintam carinho por ela e mantenham na memória as boas lembranças dos tempos de estudante. Que não se esqueçam dos conhecimentos e das habilidades adquiridas durante sua formação e conservem as atitudes ade-

quadas, com cordialidade, sem precipitação, com sabedoria. Que cada egresso, tendo conquistado a luz do conhecimento médico veterinário, tenha a competência necessária para usá-la de forma ética, técnica, precisa, por mais que dificuldades possam surgir durante a caminhada profissional. Que não se deixem corromper, que compartilhem essa luz com os colegas que virão e que a mesma possa ser fortalecida e aqueça e ilumine cada espaço no qual for necessária. Que a luz do conhecimento brilhe muito, sempre e ilumine todos os lugares por onde passar.

Médica Veterinária Carmen Grumadas

Docente do Curso de Medicina Veterinária da UEL - PR
Presidente da CEEMV/CRMV-PR

Mulher, zootecnista e empresária: ela nos representa!



Foto: Sociedade Rural de Maringá

▲ A zootecnista Maria Iraclécia foi a primeira mulher a presidir uma sociedade rural no Brasil.

Carregar a responsabilidade de ser a primeira mulher a presidir uma sociedade rural no Brasil não deve ter sido fácil, mas a zootecnista Maria Iraclécia superou as adversidades e se fez notar como empresária de sucesso. Ela não só foi a primeira do país – em 2008, como foi reeleita no mandato seguinte (2010-2012) e no atual.

Sendo o agronegócio responsável por 23% do PIB nacional e o Paraná um dos maiores produtores do setor, Maria Iraclécia cumpre o importante papel de representar o município de Maringá e o Estado nesta atividade.

Profissional atuante há 15 anos, ela divide sua experiência no mercado de trabalho e destaca a importância de as mulheres desen-

volverem habilidades de gestão e liderança para alçarem voos ainda mais altos em suas carreiras. Confira:

► **A participação da mulher no mercado de trabalho tem crescido nos últimos anos. Na zootecnia, no entanto, o crescimento é um pouco menor que em outras áreas. Atualmente as mulheres representam 30% dos oito mil zootecnistas atuantes no Brasil. A Sra. acredita que isto se deve ao fato de a zootecnia ser uma profissão relativamente nova ou existe algum outro fator?**

A profissão foi regulamentada no Brasil no final dos anos 60, então todo processo

evolutivo pelo qual nossa sociedade passou de lá para cá atingiu também a profissão. Ainda que considerada por muitos uma profissão nova e cuja atuação em sua maioria é exercida por homens, o número de mulheres que buscam a profissão de zootecnia tem crescido consideravelmente.

► **De acordo com estudo realizado pelo Fórum Econômico Mundial em 2015, a desigualdade entre os sexos com relação à participação econômica e oportunidades ainda é de 60%. A Sra. vê essa desigualdade no meio do agronegócio?**

Por se tratar de uma desigualdade histórica, é natural que ela também atinja o agronegócio. Porém, considero que essa desigualdade vem sendo revertida através dos anos. Já avançamos muito, mas ainda há um caminho a ser percorrido. O nosso papel enquanto mulheres é assumirmos o compromisso de demonstrar sempre capacidade de transformação por meio de qualificação e atualização profissional, capacidade de gestão, e então sermos agentes dessa transformação.

► **O Paraná é um dos grandes responsáveis pelo crescimento do agronegócio brasileiro e Maringá é uma cidade que contribui bastante para este cenário. Como é fazer parte de uma área de tamanha importância para o Estado e o país?**

É muito gratificante, ao mesmo tempo

é um grande desafio, pois requer dedicação, empenho, dinamismo e competência. Buscamos diariamente, no desenvolvimento de nossas ações, contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento do setor que participou na economia nacional em 2015 com uma fatia de 23% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

► **Como é para a Sra. representar as mulheres e a classe zootecnista como Presidente da Sociedade Rural de Maringá?**

Sinto-me lisonjeada por ter sido a primeira mulher a presidir uma sociedade rural no Brasil. Naquele momento era tudo muito novo e desafiante, porém ao longo de minha trajetória como presidente da SRM fui conquistando respeito e desenvolvendo habilidades que além de me fortalecer também motivaram outras mulheres a buscar desafios semelhantes.

► **Que conselho a Sra. daria às mulheres que buscam alcançar posições de liderança dentro da medicina veterinária e da zootecnia?**

Além da formação específica, buscar capacitação multidisciplinar para agregar valor na atuação profissional. Além disso, aconselho a respeitar os preceitos éticos, ser humilde, saber trabalhar em equipe, se manter atualizada e desenvolver habilidades de gestão e liderança.

A mulher de hoje pode tudo

A mulher dos dias de hoje pode tudo – seja ela médica veterinária ou zootecnista, se tiver dedicação e comprometimento poderá atuar em qualquer área da sua profissão. Não importa se é no campo ou na cidade, com pequenos ou grandes animais, na vigilância sanitária ou na saúde pública.

Mas nada mais justo do que ouvir delas como se sentem. Por isso, trouxemos o depoimento de profissionais de destaque na medicina veterinária e na zootecnia para compartilharem suas experiências e opiniões.

Foto: Arquivo pessoal



► Sempre soube que seria veterinária quando crescesse e tive a sorte de nascer em uma família que me estimulou a sair de uma cidade pequena e fazer faculdade e pós-graduações em uma cidade grande, realizando meu sonho. Talvez por eu ter nascido no interior, percebi que nem todas as minhas amigas tiveram esse estímulo.

Vivemos em um país em que, segundo o Núcleo de Direito e Gênero da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas (São Paulo), 45% da força de trabalho é feminina. Entre elas, apenas 7,9% estão em cargos de diretoria e apenas 7,7% estão em cargos de administração de empresas. Esses números estão estagnados há uma década.

Roupinhas de crianças com as frases “inteligente como o papai” para os meninos e “bonita como a mamãe” para as meninas sempre me trouxeram um certo desconforto. Nossa situação já melhorou muito, mas acredito que ainda há muito o que conquistarmos como mulheres. Da mesma maneira, muitos homens precisam evoluir no sentido de reconhecer nossas competências e nossos valores.

Como veterinária e fiscal e com apenas 29 anos, não tenho muito o que me queixar pois nunca sofri nenhum tipo de preconceito ou desrespeito graves por ser mulher, mas conheço mulheres fiscais que já passaram por situações difíceis. Precisamos deixar nossos medos de lado e continuar conquistando nosso espaço no mundo!

Letícia Olbertz

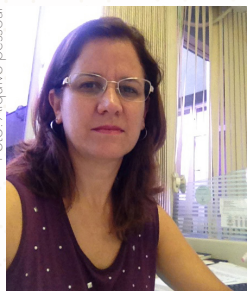
Médica veterinária - Assessora técnica e fiscal do CRMV-PR



► Sempre fui fascinada por nutrição e por animais e a Zootecnia foi o curso que melhor me possibilitou aliar essas duas paixões. Posteriormente descobri que também amava ensinar. Hoje, todos os desafios diários (que não são poucos) são superados pela maravilhosa sensação de não se imaginar fazendo outra coisa na vida. Enquanto tivermos essa sensação e trabalharmos corretamente, não sobrá tempo, nem sequer energia, para nos preocuparmos com alguma forma de preconceito que ainda possa afligir a mulher zootecnista.

Ananda Portella Félix

Zootecnista - Professora de Nutrição Animal da UFPR



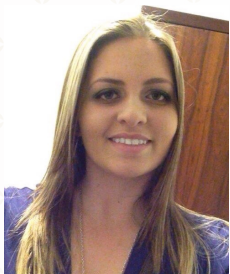
► Ser veterinária... minha escolha pela profissão foi muito influenciada pelo local onde passei minha infância - no oeste do Paraná, minha casa sempre com muitos e diferentes bichos de estimação e por meu pai, engenheiro agrônomo que na verdade queria ter cursado veterinária pelo seu amor na criação de animais.

Fiz meu curso na UFPR nos anos de 1983 a 1986, com o objetivo inicial de voltar para o interior e trabalhar na fazenda com meu pai. Porém conheci meu esposo, também veterinário, e em 1988 fiz concurso para trabalhar na Saúde Pública do Estado do Paraná.

Atuação do médico veterinário em saúde pública... matéria pincelada durante todo o curso, da qual tive conhecimento da sua importância quando comecei a trabalhar na vigilância sanitária de alimentos. Atuar em saúde pública nos remete às questões de prevenção e promoção do bem-estar da sociedade como um todo, atuando na vigilância sanitária, epidemiológica e ambiental. Como na prevenção e controle das zoonoses, das doenças transmitidas pelos alimentos com o controle e fiscalização das boas práticas de fabricação em toda cadeia de produção, investigação epidemiológica de surtos, nas análises laboratoriais dos alimentos e água, no cuidado com o meio ambiente, enfim são muitas as ações que o veterinário pode estar inserido e deve atuar. Porém, faz-se necessário que os cursos de Medicina Veterinária introduzam em suas grades a formação do médico veterinário na área de saúde pública, área ampla, de relevante importância e com muitas oportunidades de atuação.

Karina Ruaro de Paula

Médica veterinária - Chefe da Divisão de Vigilância Sanitária de Alimentos do Estado do Paraná



► Sempre me identifiquei com o cuidado e atenção aos animais, como gostava da área, escolhi seguir a profissão de médica veterinária.

Durante a faculdade optei pela área de Diagnóstico por Imagem em pequenos animais, na qual me especializei. Com isso recebi o convite da Faculdade Integrada Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU para participar do grupo de docentes do Curso de Medicina Veterinária como professora de Diagnóstico por Imagem.

Foi uma experiência nova que exige muito estudo e dedicação, mas transmitir conhecimento visando formar bons profissionais, futuros colegas, é muito motivador.

Representar o CRMV é uma satisfação e responsabilidade muito grande a qual motiva a valorização da classe e a união dos profissionais para melhor qualificação e desempenho dos médicos veterinários.

Marília Metzler

Médica veterinária – Professora de Diagnóstico por Imagem da UNIGUAÇU



► Tenho o privilégio de trabalhar com uma profissão que adoro e que me realiza em todos os aspectos possíveis. Além de médica veterinária, também sou professora – não poderia ser melhor. Acho que esta felicidade na verdade pouco tem a ver com o fato de eu ser mulher. Gostaria que todas as pessoas pudessem almejar e ter a oportunidade de conquistar tal situação.

É verdade que estamos presenciando um aumento expressivo da participação feminina na medicina veterinária; é também verdade que ainda falta muito para termos um cenário igualitário em termos de gênero. Por exemplo, dos 27 CRMVs existentes em nosso país, apenas quatro são presididos por mulheres. Ou seja, a proporção de gênero de médicos veterinários que exercem cargos de liderança não reflete a proporção de gênero existente no universo profissional.

Também há estudos mostrando tendências mais fortemente relacionadas a mulheres, como por exemplo compaixão, ou mais correlacionadas a homens, como por exemplo empreendedorismo. Importante lembrar que este conhecimento não nos permite prever o perfil individual de ninguém, conheço homens extremamente compassivos e mulheres extremamente empreendedoras. Mas nos oferece sim uma visão válida do que pode ocorrer quanto ao desenvolvimento de nossa profissão, que será resultante da somatória das atitudes de todos

os profissionais e que, então, pode ser estimada pelas tendências mencionadas. No que me é mais caro, o aumento da inserção da mulher pode significar um futuro mais digno para os animais tocados por nossas decisões de classe. Ainda, o equilíbrio de gêneros enriquecerá a medicina veterinária: precisamos de homens e mulheres, de compaixão, de dedicação, de ética, de racionalidade, de esforço de cada um de nós - antes de tudo, seres humanos. Por ocasião do Dia da Mulher, gostaria de agradecer as homenagens e me confraternizar com todos os colegas médicos veterinários pelo elo que nos une - uma profissão maravilhosa.

Carla Forte Maiolino Molento

Médica veterinária - Professora de Comportamento e Bem-estar Animal da UFPR

Foto: Arquivo pessoal



► Tenho 20 anos de formada, quando entrei no curso de Medicina Veterinária na UFPR éramos quase metade dos alunos do sexo feminino, na época a discriminação já era menor. Escolhi a veterinária dois anos antes do vestibular, porque sempre gostei da área biológica e não conseguia encontrar outra área que me fascinasse tanto quanto a área biológica. Naquela época tinha um cachorro que estava doente e pedi para meu irmão, na época estudante de biologia, que trouxesse algum livro para pesquisar a doença do meu cão. Li e reli o livro, comprei o remédio e fui tratar o animal, para minha sorte ele ficou bom, como se só isso bastasse... rrsr. Pesquisei o currículo do curso, me perguntei se gostava de fato de animais e então decidi pelo curso. Desde pequena tive animais e o meu amor por eles veio da convivência com o meu pai que me ensinou a respeitá-los. Ele sempre fala quando vê um animal abandonado: "Se não puder criar, cuidar, dar amor e respeitar os bichos, se for para abandonar melhor não ter".

Quando me formei comecei trabalhando com clínica de pequenos, depois com extensão rural e clínica de grandes, educação ambiental e com saúde pública. Meu maior tempo como profissional é na área de Saúde Pública mais especificamente em Vigilância Sanitária, uma área que realmente amo de paixão, gosto tanto que meus olhos ficam marejados quando falo sobre o assunto. Nesta área já orientei sobre saneamento ambiental, criação animal, inspeção em comércio de alimentos, inspeção em indústria de alimentos, escolas, instituições de longa permanência, etc.

No início da carreira tive vários desafios, mas o que sempre estava presente é que eu precisava provar que como mulher e veterinária eu era capaz, que tinha competência para o trabalho, então fazia e ainda faço muitos cursos, sempre na obrigação de provar que a gente

pode mais, sabe mais e que eu tenho o meu espaço conquistado. As pessoas olhavam, uma menina, pequena, delicada, inexperiente, o que será que ela sabe? Será que sabe trabalhar? Será que dá para confiar?

Então se você me perguntar se foi fácil a profissão, posso dizer que não, que tive que lutar muito para chegar aonde estou, que todo dia é um desafio, e que talvez até hoje ainda tenhamos que provar que somos competentes e que também podemos trabalhar em qualquer área da veterinária, e que ser mulher não altera em nada a nossa profissão. Venho de uma família onde a maioria das mulheres eram professoras do ensino fundamental, quando optei por não seguir a “carreira da família” todos já olhavam torto, talvez pensavam “O que ela quer da vida?”. Aí começou meu primeiro desafio, enfrentar a família e mostrar que eu podia, então fui a primeira a seguir outra profissão, de um certo modo abri portas para as mulheres da família que vinham depois.

Lembro que na faculdade um professor olhou e pediu para eu conter uma ovelha, e lá fui eu.

Na área de Vigilância Sanitária fiz várias inspeções em vários tipos de locais, já acompanhei a polícia em operações de Ação Integrada de Fiscalização Urbana (AIFU) em bares no período noturno, outras vezes acompanhamos a Polícia Ambiental, NUCRISA, DELCOM e outros. Cada trabalho em conjunto foi uma nova experiência e muito gratificante.

Hoje quando recebo alunos da UFPR no município onde trabalho, em sua maioria são mulheres. Sempre tento incentivar a buscarem várias áreas da medicina veterinária, não focar só na clínica de pequenos, mas conhecer e lutar por outros ramos, tais como: a tecnologia de alimentos, o meio ambiente, inspeções, piscicultura, criações animais, etc. não deixando a medicina veterinária perder espaço.

No meu trabalho quando entra um colega novo peço para eles me procurarem, principalmente se forem mulheres, tento ajudar a direcionar suas ações, tento apoiar seus trabalhos, pois sempre lembro que quando comecei não tinha muito para quem recorrer.

Ao longo dessa carreira tive grandes amigas e grandes profissionais médicas veterinárias que foram minha inspiração: Marcia Oliveira Lopes, Ivana S. Mikilita, Rose Sêga (in memoriam).

Elisa Maria Jussen Borges

Médica veterinária da Prefeitura de Colombo

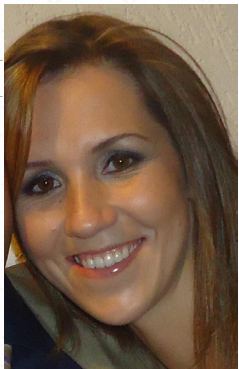


► Sou Fiscal Federal Agropecuário do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento há quase 9 anos. Fui aprovada no concurso de 2007, poucos dias após ter me graduado em Medicina Veterinária pela UFPR, então a falta de experiência profissional atrapalhou no início. Atualmente trabalho no Serviço de Saúde Animal (SSA), gerenciando o Programa Nacional de Controle da Raiva dos Herbívoros (PNCRH) e o Programa Nacional de Vigilância e Prevenção da Encefalopatia Espongiforme Bovina (PNEEB). O Serviço da Saúde Animal do MAPA é responsável pela coordenação estadual dos programas de controle, prevenção, vigilância e erradicação de doenças de interesse para o

agronegócio brasileiro, como a Febre Aftosa, Peste Suína Clássica, Influenza Aviária, Mormo, Encefalopatia Espongiforme Bovina, Raiva dos Herbívoros, Brucelose e Tuberculose, entre outras. Além disso, o controle da liberação de exportação e importação de animais vivos e subprodutos é realizada pelos fiscais do SSA. Sobre a presença das mulheres na fiscalização federal agropecuária: hoje, os cargos de chefia da Divisão de Defesa Agropecuária, do Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal e do Serviço de Saúde Animal na Superintendência Federal de Agricultura no Paraná são ocupados por mulheres, médicas veterinárias. Na coordenação central do departamento de Saúde Animal, em Brasília, a Coordenação Geral de Combate a Doenças, a Coordenação da Raiva dos Herbívoros, de Trânsito e Quarentena Animal, a Divisão de Sanidade Suína, de Epidemiologia e de Tuberculose e Brucelose são chefiadas por mulheres, médicas veterinárias. Nos últimos dois concursos para a carreira de Fiscal Federal Agropecuário, mais da metade dos aprovados para o cargo de Médico Veterinário são mulheres (52% em 2007 e 53% em 2014).

Ellen Laurindo

Médica veterinária - Fiscal Federal Agropecuário do MAPA



► A oferta de alimentos de origem animal aptos ao consumo, atendendo as condições higiênico-sanitárias e tecnológicas, é o resultado final da atuação dos Fiscais Federais Agropecuários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) em todo o território brasileiro e as ações de inspeção e fiscalização do MAPA desenvolvidas no nosso país têm como fundamento principal a garantia da qualidade e a da segurança dos produtos de origem animal produzidos. Sou Fiscal Federal Agropecuário desde 2007 e venho desenvolvendo minhas atividades no Serviço de Inspeção Federal (SIF) há nove anos, atuando na fiscalização em indústrias de produtos de origem animal. Como Fiscal Federal Agropecuário, realizo a coordenação de mais de 150 colaboradores em ações de inspeção, verificação de programas de autocontrole implantados pelas empresas produtoras e Certificação Sanitária de produtos para trânsito e exportação. Além da atuação no Serviço de Inspeção Federal, integro a Comissão Técnica Permanente de Bem-Estar Animal (CTBEA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento que tem como principais atribuições a divulgação e a proposição de boas práticas de manejo, o alinhamento da legislação brasileira com os avanços científicos e os critérios estabelecidos pelos acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário, bem como preparar e estimular o setor agropecuário brasileiro para o atendimento às novas exigências de bem-estar animal. Hoje uma grande fatia das gestões no âmbito da fiscalização vem sendo ocupada por mulheres. Como exemplo nas áreas em que trabalho, podemos citar a chefia do Serviço de Inspeção dos Produtos de Origem Animal da Superintendência Federal de Agricultura no Paraná e as chefias da Divisão de Inspeção de Carne de Aves e Ovos e da Comissão Técnica Permanente de Bem-Estar Animal em Brasília/DF. Nos últimos anos, as mulheres vêm tendo participação expressiva nas ações de inspeção, defesa e fiscalização sanitária, mantendo a responsabilidade no compromisso com a saúde dos animais e de toda a população brasileira.

Nicolle Fridlund Plugge

Médica veterinária - Fiscal Federal Agropecuário

8 DE MARÇO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

[illegible]